

também a escolha da língua, a que terão presidido razões práticas de divulgação, semelhantes ao que se passava quando outrora se optou por traduzir a *Torah* para grego. O livro comunica em inglês, que se tornou uma espécie de *koiné* dos nossos dias, em paralelo com o grego tipificado que unia o mundo político, económico e científico daqueles tempos. O volume apresenta-se bastante completo e apelativo, apoiado numa vasta bibliografia e enriquecido com ilustrações relevantes, pelo que é muito útil tanto para a comunidade científica como para o universo dos amadores da erudição antiga e moderna. Tendo em conta a diversidade de assuntos tratados, seria bastante útil ao leitor, e enriqueceria claramente o volume, a apresentação de um índice temático, que incluísse, em si ou em separado, um elenco de personalidades e lugares históricos.

Congratulamo-nos, pois, com a aparecimento de tal obra. Trata-se de uma demonstração prática da conexão entre a erudição, produção e disseminação de conhecimento no mundo antigo e nos nossos dias, através dos estudos apresentados e do papel da Nova Biblioteca de Alexandria salientado no referido epílogo, mas também por ser fruto da colaboração entre instituições diversas que têm precisamente por vocação a procura e divulgação do conhecimento.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_66\\_33](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_33)

Matheus Trevizam, *Varrão, Das coisas do campo*. Introdução, tradução e notas. Edição bilíngue. Universal Estadual de Campinas, Editora da Unicamp, 2012, 283 p., ISBN 978-85-268-0998-7.

A presente edição bilingue constitui um trabalho muito útil para o conhecimento e divulgação da literatura técnica latina, em especial a agrária, e da sociedade romana na transição da República para o Principado, sobre a qual fornece interessantíssimas informações de natureza económica, política, social, cultural e moral.

A opção do autor foi, de facto, fornecer o texto com tradução e notas que servem, nuns casos, para esclarecer o leitor sobre personagens, divindades, factos, lugares mencionados no texto, e ainda sobre terminologia, em especial grega (p.116 n.66 e 67; p.117 n.80; p.190 n.2-8) e opções de tradução (p.112 n.20 ‘sede’ para traduzir *villa*); noutros casos simplesmente para indicar a palavra latina a que corresponde a tradução apresentada —

notas que muitas vezes diríamos supérfluas para os leitores com acesso ao texto latino (exemplos vários na p.122, como n.185 “*Ferro*: no original latino, *ferrum*; e na p.124), mas que talvez sejam compreensíveis para o destinatário que desconhece o que é Quios, Cálcis, a Lídia (p.123 n.215-217) e Terêncio (p.205 n.231). Em numerosas ocasiões, e com algum prejuízo para a leitura sequencial do texto, são oferecidas notas de simples remissão, como a propósito de Cálcis e da Gália Transalpina (respectivamente p.274 n.95 e p.275 n.109, que remetem para notas 216 e 77 do livro I).

Acrescenta-se, à cabeça, uma brevíssima **introdução** sobre o autor e a opção pelo diálogo, assunto que, genericamente delineado, deixa entrever a qualidade artística do tratado, que é realmente muito notória. Sobre a época, e em especial a inserção da obra na literatura agrária, não são apresentadas considerações, embora nas notas se remeta para antecessores e fontes citadas no texto de Varrão, como, a título de exemplo, Xenofonte (9.111 n.15), Hesíodo (p.112 n.17), Magão (p.112 n.18), Sasernas (p.115 n.55 e p.203 n.205), Virgílio (p.116 n.68), Catão (p.120 n.160 e 161), Escrofa (192 n.22), Columela (p.274 n.91).

Se esperássemos notas com maior erudição, certamente a n.200 da p.122 haveria de referir as *Nuven*s de Aristófanes, onde o pagamento da dívida na mudança da lua é o grande problema de Estrepsíades e o motor do enredo da comédia; a n.72 da p.196 citaria Plin. *Nat.*8.166 sobre as éguas da Lusitânia; a n.32 da p.271, sobre consumo de arganazes, abonaria com Plin. *Nat.*8.223 e 36.4; as referências a personagens ligadas ao luxo gastronómico referidas na p.219 encontrariam paralelo seguro em vários passos da *História Natural*; as n.113-114 da p.275, sobre a abundância de coelhos na Hispânia, seriam cotejadas com Plin. *Nat.*3.78 e 8.104 e 217; a n.126 p. 276, sobre o sexo da abelha-rainha e em geral toda a descrição da sociedade das abelhas, evocariam a longa descrição de Plin. *Nat.* 11.11 ss. E se refiro Plínio, é porque se anota, na 4ª página da capa, que Varrão “influenciou a obra de enciclopedistas posteriores, desde pelo menos Plínio o Velho”.

Índices e Lista de nomes próprios ou termos técnicos latinos e gregos simplificariam a leitura e ajudariam a esclarecer, talvez, o motivo que leva o autor, por exemplo, a traduções divergentes para o mesmo termo técnico latino. Assim, *villaticus* aparece traduzido ora por ‘sede’ (p.21 penúltima linha, mas é confusa a nota 20, que deixa supor a ocorrência de *villa*), tal como *villa* (p.27, linha 4 e em numerosas ocorrências, mas não em 1.13, p.49, onde *villa* corresponde a ‘propriedade’, sendo que, nessa mesma

página, penúltima linha, ‘propriedade também é a tradução para *fundus* (que em 1.16, p.55, corresponde a ‘terras’), e para *praedium* (1.15, p.53); na p.51 *villa* oscila entre ‘sede’, ‘*villa*’ e ‘casa’, mas a partir do livro II a tradução exclusiva passa a ser ‘casa de campo’ logo na p.139, tal como *villaticus* (p.143), e nas numerosas ocorrências do livro III, cujo início discute exatamente o conceito de *villa*.

No caso de *vilicus*, a tradução por ‘administrador’ (1.13, p.49) lamentavelmente não é usada para *vilica* (ocorre 4 vezes na p.61), remetida simplesmente para o papel de ‘esposa’, de resto uma tradução que no mínimo merecia comentário, dado tratar-se de uma escrava.

Também seria de explicar o motivo da tradução ‘ás’ para *as*, *assis* (p.47), quando logo na página 49 traduz por ‘asses’ (cf. n.107 e 109); e de *domesticus* por ‘na sede’ (p.59), solução utilizada para *villaticus* e *villa*; de *colonus* por ‘fazendeiro’ (1.40, p.85) e por ‘colono’ (p.129 linha 1); e de *grex* por ‘tropa’ e logo de seguida por ‘manada’ (2.7, p.167) e por ‘bando’ (2.10, p.177);

Dado o carácter diversificado do destinatário da obra, a apresentação de índices de termos latinos e gregos comentados nas notas, bem como dos principais conceitos e nomes citados, permitiria ainda libertar a leitura de cortes tão frequentes com notas que ao leitor mais culto pouco interessam. Neste aspeto, várias notas poderiam ser descartadas se, exemplificando com a página 77, fossem adotadas soluções como eliminar a nota 186 e escrever no texto “num campo de *far* ‘espelta’”.

Os índices levariam, ainda, o leitor a entrever factos como a diversidade de fontes, que não sobressai na dispersão de centenas de notas.

Duas observações: na p.274 n.86 deve ser ‘chícharo’ e não ‘chicharro’; o problema dos nomes próprios no geral foi cuidadosamente resolvido, embora algumas soluções tivessem alternativa, como Arquitas em vez de Árquita (p.21).

Em suma, sem prejuízo das observações feitas, este volume é de louvar por promover a divulgação de um tratado latino tão relevante e oferecer uma tradução cuidada, sempre preocupada em seguir de perto o latim, mesmo em casos onde ligeiras inversões da sintaxe permitiriam talvez uma leitura mais ágil (por ex.: utilização das vozes passiva e ativa, frases introduzidas por *oportet*).

FRANCISCO DE OLIVEIRA

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_66\\_34](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_34)